

O machismo de Sartre

Rosa Alice Caubet (UFSC)

Sartre, machista? É o que salta aos olhos já numa primeira leitura de suas obras. Mas abordar esse assunto é uma empresa delicada, por três razões maiores:

1. Há um primeiro problema: o de vocabulário que, em última análise, é um problema de civilização.
 - a) Nosso Aurélio diz que machista e macho são vocábulos populares. MACHISMO é a finalidade, ação ou modos de MACHO, sendo que macho quer dizer forte, robusto, másculo. Sem complexos. Em "brasileiro" específico, macho quer dizer valentão.
 - b) Le Robert, dicionário alfabético e analógico da língua francesa, em 12 volumes, instrumento de trabalho, na França, de qualquer professor de letras que se preza, desconhece essas palavras. Refiro-me à sua última edição, de 1983.
 - c) Le Petit Larousse, dicionário mais popular, obra de grande tiragem para uso escolar em geral, depois de assinalar o sentido pejorativo dessas palavras, precisa:

MACHISMO - ideologia e comportamento do macho.

MACHO - homem considerado em função de sua superioridade como pessoa do sexo masculino.

Vou falar de machismo como Sartre o entendeu e viveu, com a conotação pejorativa.

2. Segundo senão: para falar do machismo de Sartre devo trabalhar com entrevistas em que trata o problema da mulher. Não se exprimiu de outra forma sobre o assunto. Quando as entrevistas não são publicadas em livro, o pesquisador se depara com o problema da fiabilidade dessas publicações, e os jornalistas que me perdoem. Quem tem o hábito de trabalhar com revistas como L'Arc e Nouvel Observateur sabe que só trabalham com entrevistas revisadas pelo autor. Após sério controle ficou estabelecido que a Manchete trabalha com seriedade, e, quando é o caso, cita suas fontes. Já a revista Marie-Claire resume arbitrariamente as entrevistas. Depois de colocada uma pergunta, salta a resposta correspondente e a pergunta seguinte. De modo que a resposta de Sartre passa a não corresponder à pergunta que lhe foi feita e que a precede.

A revista HOMEM é mais sutil. A entrevista originariamente intitulada "Sartre e as mulheres" leva o título, em português: "Sou um macho chauvinista! - (você também Sartre)". O título dá o tom. Vou citar dois exemplos de adaptação de perguntas:

- a) Nouvel Obs: cercado pelas mulheres de sua família e por todas as suas "noivas", o sr. tinha, desde a infância, tudo para se tornar um perfeito machista?

Homem: cercado pelas mulheres de sua família e pelas garotas que conheceu, você foi criado como um macho chauvinista?

- b) Nouvel Obs: um machista liberal, de uma certa maneira?

Homem: então você era uma espécie de porco chauvinista liberal?

3. Depois de todas as precauções relativas aos documentos, apresenta-se a terceira e maior dificuldade: Sartre é Sartre, e chamá-lo de machista constitui uma violência nos meios filosó

ficos e literários. Também não se trata, no caso, daquele orgulho fálico que anda solto por aí. Faz-se necessário nuançar.

Proponho-me então, depois de defini-lo, a mostrar como o machismo expresso por Sartre, em suas entrevistas, se manifesta nos personagens femininos de seu teatro.

Para definir o machismo de Sartre, vou usar um texto em que ele define o colaborador. (E aqui abro um parêntesis para um esclarecimento. COLABORADOR, em francês, designa especialmente, nesse caso, todo francês que, durante a ocupação da França pela Alemanha - 1940/1944 - foi partidário de uma colaboração política, econômica e até militar com os ocupantes).

... "como fatores determinantes não existem, o COLABORADOR não se manifesta aos outros nem a si mesmo; ele se ocupa, pode ser patriota, pois ignora a natureza que leva dentro de si e que se manifestará um dia em circunstâncias favoráveis" (1).

Embora se declare machista - com reservas - em todas as suas entrevistas, o que denuncia o machismo de Sartre é justamente essa "natureza que leva dentro de si" e que se manifesta em circunstâncias favoráveis, nas próprias entrevistas, ou alhures.

I. Muito embora a primeira evidência seja um Sartre comovente, em luta racional contra sua natureza profunda. É essa a atitude predominante nas entrevistas. Se procurássemos uma fórmula que definisse essa atitude, ela seria: sou machista, MAS...

A estratégia primeira é relegar os maus instintos ao passado: "Criança, eu era machista" (2) / "Jovem, eu acreditava na superioridade do homem" (3) / MAS isso "não excluía entre [ele] e a mulher uma certa igualdade" (4). A razão de seu machismo era familiar: "Meu avô dominava minha avó. Meu padrasto dominava minha mãe (...) e eu guardei isso como uma espécie de estrutura abstrata" (5).

[1]. Mas ao mesmo tempo, Sartre pensa que, "para que as relações sexuais tenham um verdadeiro sentido, na maioria dos casos, é necessário que a mulher tenha algo que, fisicamente, atrai o homem. Chamemos isso de beleza, se quiser; pode ser outra

coisa. Há mulheres que não são bonitas e têm charme" (6). Também sente-se "altamente responsável vis-à-vis das mulheres com quem mantinha um relacionamento" (7) e quer que lhes devam tudo o que lhes permite viver, pelo menos por um certo tempo. Chega até a declarar que gosta das mulheres "porque elas são oprimidas" (8). Segundo Sartre, é graça a essa opressão que as mulheres devem o lazer de que dispõem "para contemplar uma paisagem". Nessas ocasiões se culpa pela atitude intelectual de apoio ao movimento de libertação de mulheres. "Isso será péssimo para mim" (9).

O apoio de Sartre ao movimento feminista, o reconhecimento - por ele - da especificidade da luta das mulheres, é uma atitude puramente intelectual, e nisso não é diferente do meio em que vive.

"Os homens que conhecemos (...) se pensam superiores às mulheres, mas misturam isso com a idéia da igualdade de do homem e da mulher, é muito curioso... (...). Isso não quer dizer que a conclusão não seja machista mas nas conversas, e no dia a dia, eles dizem fórmulas que são igualitárias. Podem dizer coisas machistas sem notar, e sempre há um pouco de aplicação, quando definem sua idéia de igualdade no que tange o relacionamento entre os sexos. De qualquer maneira o machismo não é uma coisa de que os homens se orgulham, pelo menos os que conhecemos" (10).

III. Menos importante, quantitativamente, que a pose feminista e esse machismo espontâneo, é uma certa atitude de desprezo que escapa por vezes. É quando deixa claro, por exemplo, que mulher é objeto, pois "o intercâmbio intelectual (...) com exceção de Simone de Beauvoir, interessa bem pouco, desempenha um papel insignificante nos [seus] relacionamentos com as mulheres" (11). A força de caráter da mulher o ajudava a conhecê-las, ao mesmo tempo que o desconcertava um pouco. "Mas era uma qualidade secundária. A qualidade primeira era ela, seu corpo" (12).

Acontece ser relegada ao nível das coisas: "antes da guerra, diz Sartre aos 70 anos, minha vida privada, eu considerava que ela devia ser feita principalmente de prazeres - [...] mulheres, boas refeições, viagens, amizades (13).

- IV. Por vezes (simples deslize?) Sartre se refere às mulheres de maneira extremamente grosseira. Quando S. de B. perguntou-lhe o que o atraiu particularmente nas mulheres, respondeu: "Qualquer coisa".

"As qualidades que eu podia pedir às mulheres, as qualidades mais sérias, você as tinha a meu ver. Em consequência, isso liberava as outras fulanas que podiam ser simplesmente bonitas, p. ex." (14).

Em outra passagem contou como uma mulher tinha ido buscá-lo na escola "para dar uma trepada" (15).

- V. O relacionamento com S. de B., como algumas referências deixaram antever, foi um caso à parte. Foram suas qualidades que fizeram com que ocupasse, na vida de Sartre, o lugar que ocupou.

"Bom, eu era machista; mas quando encontrei Simone de Beauvoir tive a impressão de ter o melhor relacionamento que sôa acontecer entre duas pessoas. O relacionamento mais completo. (...) Nós éramos iguais um para o outro. Não poderíamos imaginar outra coisa. Eu tinha encontrado uma mulher que era igual ao que eu era enquanto homem." (16)

Sartre afirma, curiosamente, que isso fortificou o seu machismo. "de uma certa maneira, porque permitiu-lhe, com outras mulheres, retomar o seu machismo" (17).

- VI. De maneira geral, ele se considerava mais inteligente, apesar de tudo, que todas as mulheres com quem se relacionou. Mas, há sempre um MAS,

"eu considerava a inteligência como um certo desenvolvimento da sensibilidade, e eu pensava que as mulheres não tinham ido até o nível em que eu estava, por que as circunstâncias não lho haviam permitido" (18).

Sartre admite, então, ter sido machista quando criança, quando jovem. Só que ele se tornou adulto - e é o próprio Sartre quem diz que é sempre possível fazer alguma coisa do que fizeram com a gente. E o adulto que foi falou de todos os oprimidos, operários, negros, judeus, e ignorou simplesmente a opressão de que

as mulheres foram vítimas.

Analisemos essa atitude de Sartre com seus próprios critérios: somos condenados a ser livres. A cada nova situação devemos escolher livremente entre as várias saídas possíveis. Somos obrigados a exercer nossa liberdade de escolha. Não é possível se abster. Não escolher já é uma escolha. Sempre apoiou (em tese e de boca) a luta feminista, mas se absteve de se manifestar em seu favor, mesmo através das obras específicas de S. de Beauvoir.

"[Ela] tem o seu domínio particular, que é o das mulheres. É um domínio no qual jamais penetrei. Li o Segundo Sexo ao mesmo tempo em que ela o escreveu, e fiz-lhe críticas, já que nos criticamos sempre. (...) Mas as críticas que eu fazia podiam ser: 'Aqui não está muito lógico, porque você não pôs aqui'. Tratava-se, pois de críticas formais. Não de críticas interiores. Se ela descobria alguma coisa sobre sua condição de mulher, em si mesma ou nas outras, eu não tinha nada a dizer" (19).

Quando S. de B., que é a responsável pelas mais importantes entrevistas com Sartre sobre o assunto, perguntou "porque ignorou a opressão de que as mulheres eram vítimas", ele respondeu:

"Em sua generalidade, eu não tinha consciência disso. Só via casos particulares. Claro, eu via muitos desses casos particulares. Mas, cada vez, considerava o imperialismo como um defeito individual do homem, e uma certa obediência particular como traço de caráter da mulher" (20).

Comediante, e faço aqui uso, mais uma vez, de uma noção sartreana da teatralidade - ele desempenha, como convém, seu papel de feminista por opção, forçando um pouco no drama. Enquanto isso, as declarações em entrevistas sobre o tema da mulher, anunciam com exatidão os contornos do personagem feminino da obra dramática de Sartre: casos particulares de seres inferiores.

No universo sartreano, diz Francis Jeanson (autor do maior clássico da crítica sobre Sartre) a mulher é, com frequência, uma arapuca" (21). Trata-se aqui, com certeza, de um eufemismo. Ela realmente não é mostrada sob seu melhor ângulo. Ao

contrário: sua tarefa é das mais árduas. Cabe-lhe assumir as des vantagens de ser mulher.

Mas não quero dar a impressão de estar interpretando. e devolvo a palavra ao próprio Sartre, o homem da literatura engajada, para que nos diga com quem se parecem as combatentes feministas no imaginário sartreano.

Por ordem cronológica das peças:

A. Clitemnestra mata seu marido para conduzir o amante ao trono. Abandona o filho, permite que Egisto escravize a filha. tudo isso para acabar sendo tratada de rampeira que vive na cidade inteira como uma mulher no cio. E morre sem mesmo ter entendido esse amante, sem conhecer a natureza de suas preocupações, o que fica comprovado por sua absoluta falta de habilidade.

"já estais esquecido de que fostes vós mesmo quem inventou tais fábulas para uso do povo?" (22).

Electra, a filha escravizada, passou a vida inteira esperando pelo irmão para vingarem o pai. Ela o impele a suprimir a mãe. Uma vez o ato consumado, abandona Orestes, renegando assim anos de ódio.

Orestes

"Electra, decidimos ambos este assassínio e devemos ser ambos a suportar-lhe as conseqüências.

Electra

Tu pretendes que o desejei?" (23).

B. A Estela de Huis Clos recusa simplesmente dirigir-se à uma outra mulher sob o pretexto de que "ela não conta" pois "é uma mulher". Ela e Inês impedem [o homem], Garcin, de encarar a própria vida.

Garcin

"Diz alguma coisa.

Estela

O que queres que eu te diga? (...) Ah! meu querido. não posso adivinhar o que é preciso te responder.

Inês

Meu tesouro, é preciso dizer a ele que desertou como um leão. Porque ele desertou, teu queridão. É isso que o incomoda" (24).

C. Em Mortos sem sepultura, Lúcia é a perfeita imagem da revolucionária ineficiente: não só é individualista, mas recusa - a priori - todo e qualquer argumento. Não tem critérios. Quando enfim cede à razão revolucionária, é porque sentiu o cheiro da terra molhada.

D. A Prostituta respeitosa não é senão o reflexo social do negro que ela esconde em casa. Torna-se em seguida o instrumento de captura do negro. E ainda por cima admira os métodos de quem quer extorquir sua assinatura para um falso testemunho:

"Você é nojento como uma mulher" (25).

E. "Jessica (das Mãos sujas) é Inês mais Estela; o olhar lúcido de uma - sua crueldade. A necessidade de seduzir da outra, sua adesão à imagem projetada por outrém" (26). Ela também servirá de armadilha.

"Quando alguém me beijava, eu sentia vontade de rir. Agora estou aqui, diante de você, parece que acabo de me acordar e que é de manhã. Você é verdadeiro. Um verdadeiro homem de carne e osso, tenho realmente medo de você e acho que o amo de verdade. Faça de mim o que quiser: aconteça o que acontecer, não o culparei de nada" (27).

E Hoederer, à quem se dirige, beija-a para lhe mostrar (e ter certeza) de que ela não terá vontade de rir. E é assim que serve de móvel do crime, no momento exato em que se dispõe a impedi-lo (Hugo, seu marido, foi encarregado pelo P.C. de matar Hoederer: Jessica pede que não o faça. Ele surpreende sua mulher nos braços de Hoederer e atira). E esse momento é o mesmo em que ela se realizou como mulher.

Apesar da aceitação de um estado inferior, apesar da natural obediência face aos homens Jessica teve seu instante de lucidez.

Jessica

"Hugo! Ele tinha razão.

Hugo

Minha pobre Jessica! Que podes tu saber sobre o assunto?

Jessica

E tu, o que sabes sobre ele? Estavas bem mal à vontade diante dele" (28).

É a mais simpática e a mais mulher dos personagens femininos de Sartre.

- F. Catarina, do Diabo e o Bom Deus é o protótipo da mulher-objeto. Não lhe é dado direito aos sentimentos.

Goetz

"Se tu me amas, todo o prazer será teu. Vai embora, imunda! Não quero que ninguém tire proveito de mim.

Seu homem decide abandoná-la, pois já tem bagagem suficiente e afinal de contas as mulheres são iguais e seus subordinados lhe trarão quantas ele quiser onde quer que esteja. Catarina cede então o que lhe resta de dignidade, se é que lhe resta alguma, e suplica:

"Eu posso ser 20 mulheres, cem, se é do teu gosto, todas as mulheres. Leva-me na garupa, não peso nada, teu cavalo não me sentirá. Quero ser teu bordel!"

Goetz

"Tens que ser uma grande porcaria para que ousees me amar depois de tudo que te fiz" (29).

Goetz a reencontra moribunda, quando já tinha decidido tornar-se bom. Forjou os estigmas divinos e Catarina acreditou-o Deus. Quando Goetz procura dar-lhe um mínimo de dignidade, está morta.

Mais tarde Goetz deseja Hilda, que também o ama. Com os olhos de lince seu olhar penetra sob a pele de Hilda.

"Mostra-me o que se esconde nessas narinas e nessas orelhas. Eu, que não suporto pôr o dedo no esterco, como posso desejar ter em meus braços o próprio sacco de excrementos?" (30).

- G. Verônica, a revolucionária de Nekrassov, só é militante esquerdista para se opôr ao pai de quem é "o ponto fraco". Georges, o vilão, quando entra à noite - pela janela - em casa de Verônica, deplora a ausência desse pai, pois "desconfia das mulheres".

"Amo as mulheres, adoro cobrí-las de jóias; eu lhes daria tudo com alegria - menos explicações. (...) Porque elas não as entendem. (...) Os homens, sei convencê-los. São espíritos lógicos. Tu és como todas as mulheres, impulsiva e convulsionária; (...) que desgraça que não sejas um homem: poderias te transformar na minha sorte. Mulher, tu és meu destino. (...) Tu não enxergas um palmo além de teu nariz" (31).

- H. Leni e Joana, nos Sequestrados de Altona, disputam entre si o amor de Frantz ao invés de se unirem para ajudá-lo. Numa só réplica, Frantz, nessa última peça de teatro escrita por Sartre, resume o papel da mulher nesse teatro:

"Uma mulher é um traidor, minha senhora" (32).

O único ponto comum que pudemos discernir entre todas essas mulheres é o trágico de sua situação.

Suprema contradição!

Eu diria que frente às mulheres havia o Sartre real e o Sartre imaginário, um contradizendo o outro e o outro completando o um. Porque se este homem sonhou parcialmente a realidade das mulheres em luta, ele as imaginou como ele imaginava que elas eram.

Drama ou comédia? Cada qual deve ter encontrado a sua resposta. Eu pessoalmente não me sinto à vontade. O fato é que não acho graça nenhuma.

NOTAS

1. "O que é um colaborador?" Situations, III. Paris, Gallimard, 1949. A declaração é de 1945.
2. "Sartre et les femmes" Nouvel Observateur, janeiro 1977.
3. Situations, X, p. 117.
4. Id. ibid. O grifo é nosso.
5. "Entretiens avec J.-P. Sartre" in S. de Beauvoir, La Cérémonie des adieux, p. 382.
6. "Sartre et les femmes" Op. cit., février 1977.
7. Id. ibid.
8. "Sartre exclusivo" in Manchete 2/12/1972.
9. Id. ibid.
10. Entretiens ... Op. cit., p. 379.
11. "Sartre et les femmes". Op. cit., fév. 77.
12. Entretiens ... Op. cit. p. 384.
13. Situations, X, p. 177.
14. La Cérémonie ... p. 378.
15. Ib., p. 376.
16. "Sartre et les femmes". Op. cit. jan. 87.
17. Situations, X, p. 120.
18. La Cérémonie ... p. 382.
19. "Sartre et les femmes" Op. cit. p. 68.
20. Situations, X, p. 117.
21. JEANSON, Francis. Sartre par lui-même. Paris, Seuil, 1955, p. 45.
22. Les Mouches pp. 189-90.
23. Ib. p. 220.
24. Huis clos p. 77
25. La Putain respectueuse, p. 45
26. LORRIS, Robert. Sartre dramaturge. Paris, Nizet, 1975, p. 175.

27. Les Mains sales, p. 224.
28. Ib. p. 198.
29. Le Diable et le Bon Dieu. p. 85.
30. Ib. p. 225.
31. Nekrassov, pp. 90-100
32. Les Sēquestrés d'Altona, p. 269.

BIBLIOGRAFIA

A. ENTREVISTAS

1. "Sartre exclusivo" in MANCHETE de 2/12/1972
2. "Conversas com Sartre" in Cerimônia do adeus de Simone de Beauvoir, Paris, Gallimard, 1981.
3. "Simone de Beauvoir interroga Jean-Paul Sartre" in L'ARC nº61, 1975.
Situations, X. Paris, Gallimard, 1976.
MARIE-CLAIRE, nº 334, 6/1980.
4. "Auto-Retrato aos 70 anos" in NOUVEL OBS. nº 554-5-6, juin/juillet, 1975.
Situations, X. Paris, Gallimard, 1976.
CADERNOS DE OPINIÃO nº 2, 1975.
5. "Sartre e as mulheres" uma entrevista com Cathérine Chaïne in NOUVEL OBS jan/fev, 1977.
MANCHETE 26/3/1977.
HOMEM Março de 1978.

B. PEÇAS DE TEATRO

1. SARTRE, Jean-Paul. Les Mouches. Paris, Gallimard, 1947.
2. _____ . Huis clos. _____ .
3. _____ . Morts sans sépulture. Paris, Gallimard, 1947.
4. _____ . La Putain respectueuse. _____ .
5. _____ . Les Mains sales. Paris, Gallimard, 1948.
6. _____ . Le Diable et le Bon Dieu. Paris, Gallimard, 1951.
7. _____ . Nekrassov. Paris, Gallimard, 1956.
8. _____ . Les Séquestrés d'Altona. Paris, Gallimard, 1960.